

## A volta do Sr. Debret à praça

A *Voyage Pittoresque et Historique au Brésil* foi, uma vez mais, reeditada, desta vez pela RECLAN e já pode ser encontrada aqui, em Brasília. Debret é, sem dúvida, o mais conhecido dos que aqui estiveram nos idos de D. João VI e Pedro I, desenhando e fazendo suas aquarelas, também escrevendo e lecionando o seu ofício. Numa época em que não existia fotógrafos, a memória se abstinha quase à crônica escrita. Os generais quando iam à guerra, levavam em comitiva desenhistas e escritores, hábito que em absoluto foi perdido, pois os correspondentes aí estão, oficiais ou não, cobrindo hora a hora os acontecimentos.

Os viajantes que por aqui andaram, escritores, desenhistas e pintores, deixaram um acervo inestimável de lembranças históricas., através deles é possível uma visão urbanístico-social de cidades como Salvador, Recife e Rio. A inglesa Maria Graham, por exemplo, deixou um livro ilustrado a respeito da viagem que fez pela América do Sul e, no Brasil, teve a felicidade de chegar em hora agitada, quando se fazia

a Independência. Melhor depoimento não poderia haver. Não toma partido, alinha e ilustra o que vai encontrando, interpretando com sua visão aguda e sensível. Descreve, por exemplo, a noite em que os príncipes estavam no Teatro São Pedro, quando havia na cidade boatos de que os portugueses iriam atacar e se apossarem da Casa da Pólvora. D. Pedro interrompe o espetáculo, comunica à platéia do perigo e sai acompanhado de tropas, seguindo ao Jardim Botânico, onde, até hoje, existe o portão da antiga fábrica, tomada afinal pelo nosso primeiro imperador, sem menor contratempo.

Debret também tem imagens desta mesma Independência. Fixou-as como um fotógrafo fazendo cobertura do acontecimento colonial, e as imagens aí estão em álbuns, reproduzidas de todo o jeito, à posteridade.

Clarival Passos Valadares, a propósito, lançou dois álbuns, um a respeito do Barroco e outro sobre o Neo-Clássico. Até aqui parece que só os mineiros possuíam o Barroco e, naturalmente

a Bahia, esquecendo-se do Rio e do resto do país.

Entre nós, em relação ao Barroco, aconteceu mais ou menos o mesmo com o Gótico. É sabido que no século passado, na França, houve um movimento de intelectuais e artistas em favor do Gótico, até então mergulhado na indigência. Foi então que surgiram interessados, estudiosos e muitos trabalhos interpretando-lhe aspectos místico-arquitetônicos, formando-se assim um verdadeiro movimento nacional por sua reabilitação e consequente restauração, como foi o caso da Notre-Dame. Quem conhece, por exemplo, a obra de Marcel Proust, verifica que há longas e minuciosas digressões a respeito de Chartres ou falando da pequena igreja de Illiers, Combray em sua obra, detendo-se em seus vitrais, onde estão Gênéviève de Brabante e Golo, numa atitude de piedade cristã. Todos os personagens góticos, dos tempos em que os romeiros ali se detinham, a caminho do Santo Graal na Espanha para acampar e orar. Pois bem, assim um estilo negado e desconhecido

começou a sair das sombras, havendo a esta altura, copiosa literatura a respeito.

O nosso Barroco gozou também das mesmas sombras. José Mariano Filho foi dos que muito lutaram a seu favor. Escreveu livros, artigos, deu entrevistas; e é sabido da sua briga com Lúcio Costa, então diretor da nossa primeira Faculdade de Arquitetura e que, por sinal, tinha a orientação moderna de Gregori Warchavichik, de onde saíram nossos arquitetos de mentalidade nova, numa safra jamais repetida, em todo o Brasil. Quando falo em safra, refiro-me aos talentos surgidos nos diferentes planos da inteligência brasileira, na literatura, na música, na pintura, na poesia etc. O MEC com o mineiro Gustavo Capanema teve uma atuação jamais repetida em sua existência, oficializando o modernismo e reabilitando o Barroco. Procurava-se, no entanto, fazer do Marajoara o estilo nacional, que se baseava em vasos de cerâmica e desenhos encontrados na ilha do Marajó, como restos de uma velha civilização. Chegaram

mesmo a projetar prédios, móveis e decoração à marajoara. As confeitarias **A Brasileira** eram decoradas neste estilo, até mesmo seus papéis de embrulho tinham desenhos marajoaras, usando-se e abusando da sucupira nos móveis, ao invés do jacarandá. Mas o estilo não vingou. Prevaleceu mesmo o Barroco, do qual tantos elementos são largamente utilizados, como as treliças, traduzidas em Brasília por combogós.

Mas, falando em Debret, logo e obviamente eu o associo à Missão Francesa. Está inteiramente enterrada, enquanto as picaretas do bota abaixo o vão destruindo, sem que haja um berro, um basta. Tirando-se alguns prédios oficiais, o resto está desaparecendo, como o foi com o da antiga Academia de Belas Artes (depois Tesouro Nacional), na Avenida Passos, construído por Grand-Jean de Montigny e arrasado impunemente.

Pena que os dois álbuns do Clarivaldo sejam tão caros e, portanto, longe da bolsa popular. Na realidade, prestam inestimável favor à nossa cultura.

Quando falo do Neo-Clássico ou estilo Império como coisa que deve ser salva e ter a mesma proteção do Barroco, não desejo que seja apenas no Rio, mas em todo o Brasil. Do contrário, breve, muito breve, talvez seja tarde.

Lúcio Costa escreveu para o cinquentenário do **Correio da Manhã** excelente trabalho sobre arquitetura, apontando mesmo alguns prédios e tantas construções primorosas que bem valiam admirar, exigindo amor e o sabor do andarilho, porque tais coisas não devem ser contempladas de automóvel, mas a pé.

Debret está na cidade, através de uma edição de um livro lançado pela RECLAN e, que se chama, repito, **Voyage Pittoresque et Historique au Brésil**. Comecei estas linhas por uma espécie de «memória involuntária», urdida só pela presença deste Debret nas livrarias, o que me levou à Missão Francesa e ao velho Sr. Le Breton, espécie de carro-chefe daqueles artistas expatriados.